

A relação da auto-estima com o fracasso escolar

Pontarolo, Regina Sviech¹

Resumo:

O fracasso é definido por um mau êxito, uma derrota. Porém mau êxito em quê? De acordo com que parâmetro? O que a nossa sociedade atual define como sucesso? Daí a necessidade de analisar o fracasso escolar de forma mais ampla, considerando-o como peça resultante de muitas variáveis. O presente trabalho pesquisou a relação da auto-estima com o fracasso escolar por meio de uma metodologia qualitativa de cunho investigativo e interpretativo fazendo uso de análise e aprofundamento teórico, aplicação de questionário em alunos, professores e pais de alunos a fim de detectar nesses elementos, a visão e a capacidade de enfrentamento sobre o fracasso escolar. A implementação aconteceu no Colégio Estadual Barão de Capanema, no município de Prudentópolis, do estado do Paraná, objetivando refletir o fracasso escolar e sua relação com a auto-estima do aluno; identificar e analisar o comportamento dos professores, pais e alunos diante do fracasso escolar; reconhecer os fatores que influenciam o fracasso escolar e investigar possíveis relações entre dificuldades de aprendizagens, aceitação e rejeição social e autoconceito social, familiar, escolar e pessoal em alunos do ensino fundamental.

Palavras - chave: fracasso escolar, auto-estima, aprendizagem.

Abstract:

The failure is defined by an abort, a defeat. But bad success in what? According to what parameter? What does our society defines as success? Hence the need to analyze school failure more broadly, considering it as a result of many variables. This study investigated the relation between self-esteem and the school failure through a qualitative methodology of investigative and interpretative stamp making use of analysis and theoretical study, a questionnaire to students, teachers and parents in order to identify those elements, the vision and ability to cope with school failure. The implementation took place in the State School Barão de Capanema, the city of Prudentópolis, of Parana state in order to reflect the failure and its relationship with self-esteem of students, identify and analyze the behavior of teachers, parents and students before the failure school; recognize the factors that influence school failure and to investigate possible connections between difficulties in learning, acceptance and social rejection and social self-concept, familiar, personal in students at middle school.

Keywords: Keywords: school, self-esteem, learning.

¹ **Pedagoga, Especialista em Deficiência Mental, Mestre em Educação, professora PDE 2008.**

Introdução

O fracasso escolar aparece hoje entre os problemas mais discutidos e estudados de nosso sistema educacional. Porém, o que ocorre muitas vezes é a busca pelo culpado de tal fracasso e, a partir daí, percebe-se um jogo no qual ora se culpa o aluno, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político e social. Mas será que existe mesmo um culpado para a não-aprendizagem?

Quando se fala em fracasso, supõe-se algo a ser atingido. Ele é definido por um mau êxito, uma derrota. Porém mau êxito em quê? De acordo com que parâmetro? O que a nossa sociedade atual define como sucesso? Daí a necessidade de analisar o fracasso escolar de forma mais ampla, considerando-o como peça resultante de muitas variáveis.

A sociedade do êxito educa e domestica. Seus valores e mitos relativos à aprendizagem muitas vezes levam muitos ao fracasso. Em nosso sistema educacional, o conhecimento é considerado conteúdo, uma informação a ser transmitida. As atividades visam à assimilação da realidade e não possibilitam o processo de autoria do pensamento. Este caráter informativo da educação se manifesta até mesmo nos livros didáticos, nos quais o aluno é levado a memorizar conteúdos e não a pensá-los; não ocorrendo de fato uma aprendizagem.

Outra questão que sempre se faz presente nas discussões pedagógicas no que se refere ao fracasso escolar é o envolvimento ou participação dos pais na educação dos filhos. A família é muitas vezes o foco na problemática da aprendizagem. A constituição da escola passa pela interdependência e influência recíproca das duas instituições, família e escola, e as transformações pelas quais passam as estruturas da sociedade, transformações que influenciam cada um dos sujeitos que compõe a escola, alunos, professores, pais, funcionários, que refletem o que pensam e esperam da escola, o que esta espera da família, ambas esperam dos alunos, e a forma como se lida com isso no interior da instituição. A família pode ajudar a escola e essa à família, e ambas, constroem os sujeitos que vão à escola. Cada um ao seu modo leva cultura, história e conhecimentos, não dispensáveis, para a vida das novas gerações.

O fracasso escolar é multifacetado e a tentativa de captá-lo em suas múltiplas determinações passa necessariamente pelo entendimento da escola em seu existir cotidiano. Este existir nos conduz ao questionamento dos limites institucionais no qual a realidade da escola se interpenetra na realidade social e política que a circunda. (PATTO, 1990)

Neste sentido, a instituição educativa que não leva em conta a visão de mundo do aluno acaba também por contribuir para o fracasso escolar. As discrepâncias entre o desempenho fora e dentro da escola são significativas. Ou seja, os profissionais da educação não conseguem transpor

o conhecimento ensinando para a realidade do aluno. Muitas vezes os alunos vão mal, porém em situações naturais, cotidianas eles se saem muito bem.

Outra questão a ser discutida é que o aluno que fracassa na escola tende a ter uma baixa expectativa de sucesso, pouca persistência na realização das tarefas e ainda uma baixa auto-estima; conseqüentemente, tem pouca motivação e nutre sentimentos negativos em relação à escola, às tarefas e em relação a si próprio.

Os alunos que não aprendem não são necessariamente não inteligentes, e sim, podem estar respondendo a um ambiente familiar ou a uma instituição educacional que não lhes dá muita opção.

O tema a ser discutido é muito abrangente e de fundamental importância para o conhecimento de todos os envolvidos com a educação. O fracasso escolar está muito além da sala de aula, por isso é necessário entender as relações entre a escola e a família, além de supostos ideais comuns e que se baseiam na divisão do trabalho de educação de crianças e jovens. Muitas questões necessitam de amplas discussões. Quais as concepções de educação compartilhadas por famílias e escolas? Quais as responsabilidades, contribuições e limites educativos específicos dessas duas instituições? Como cada uma delas define seu papel e o papel da outra, via professores, especialistas, gestores, pais e outros familiares?

A experiência escolar tem grande influência na imagem que o aluno faz de si mesmo: tanto pode ser cerceadora das suas iniciativas, como estimuladora, é aquela que por vezes enfatiza conteúdos acadêmicos e currículos inadequados; objetivos e avaliações sem relação ao que a criança pode alcançar; tem um clima não cooperativo. Tudo isso pode fazer com que o aluno se sinta limitado, desenvolvendo um sentimento de fracasso e inadequação que abala a confiança que o aluno tem de si mesmo.

Percebe-se na maioria das vezes que a criança que consegue corresponder às solicitações escolares, tendo um bom desempenho como aluno, cresce nele a auto-estima e a confiança na sua capacidade em lidar com os desafios que surgem, tanto no ambiente escolar como fora dele.

De outra maneira, no aspecto negativo, “a experiência precoce de insucesso acadêmico interfere com a formação de auto-estima e auto-eficácia da criança” (MARTURANO, 1997, p. 133).

O aluno que vive o fracasso escolar é tido como desligado, preguiçoso e por vezes é tratado com certo desprezo pelo professor, geralmente sendo até deixado de lado. Assim, sente o único responsável pela sua incapacidade, tornando-se apático e indiferente ao que se passa ao redor. Fica privado de sentir o prazer da descoberta, da criatividade, do enriquecimento pessoal. Normalmente, os pais não sabem como ajudá-lo, e apoiando-se na opinião da professora despreparada, também responsabilizam o filho como o único responsável pelo problema.

A capacidade de enfrentamento dessa situação por parte do aluno depende principalmente das condições da família, da escola e do próprio aluno. Cada segmento tem papel significativo no suporte e superação do fracasso escolar.

O presente trabalho objetivou pesquisar a relação da auto-estima com o fracasso escolar, identificar e analisar o comportamento dos professores, pais e alunos diante do fracasso escolar, reconhecer os fatores que influenciam o fracasso escolar e investigar possíveis relações entre dificuldades de aprendizagens, aceitação, rejeição social e autoconceito social, familiar, escolar e pessoal em alunos do ensino fundamental.

O fracasso escolar como objeto de estudo

As causas do fracasso escolar tem sido foco de pesquisas no âmbito internacional e nacional, tal preocupação vem de longa data e os pesquisadores procuram explicá-lo sob diferentes aspectos estudando as características físicas e psicológicas, condições sociais, métodos educacionais, entre outros aspectos.

No Brasil, estudos como os de Brandão (1983), Rosenberg (1981), Leite (1988), Patto (1988 e 1993), Collares e Moysés (1996) e outros demonstram quem em nossa sociedade os fenômenos como a evasão e a repetência apresentam um caráter de classe e que esses fenômenos são atribuídos direta ou indiretamente, através de teorias explicativas ao indivíduo que fracassa.

Maria Helena Patto (1988) é referência como pesquisadora na área. E em sua obra “A produção do fracasso escolar”, faz uma análise histórica da construção do conceito de fracasso escolar na sociedade moderna. Para ela, as causas do fracasso escolar articulam-se na confluência de duas vertentes, a medicina e a psicologia. A partir da medicina, a educação recebeu a visão organicista, explicando as dificuldades escolares a partir de déficits no aluno. Pela psicologia, a educação explica as dificuldades escolares provenientes do ambiente, em especial as questões afetivas. Segundo ela, ambas as dificuldades são carregadas de pressupostos racistas e elitistas.

Observou-se que “valores, crenças, normas e hábitos, habilidades tidos como típicos das classes dominantes são considerados como os mais adequados à promoção de um desenvolvimento psicológico sadio” (PATTO, 1993, p.48). Com isso, famílias e situações culturais que não pertencem aos padrões ideais são considerados fatores causais do fracasso escolar. A partir dessa constatação, Patto busca desconstruir as explicações provenientes da medicina e da psicologia para analisar o aspecto sócio-político do fracasso escolar. Chamando a atenção para a necessidade de mudanças na estrutura do sistema educacional e no compromisso social dos educadores, bem como na desburocratização do trabalho pedagógico.

Entre as décadas de 1930 e 1960 o meio escolar incorporou alguns conceitos psicanalíticos que fizeram mudar a visão dominante de doença mental bem como as concepções sobre as causas das dificuldades de aprendizagem. A Psicologia Educacional sofreu uma mudança terminológica quando a influência ambiental passou a ser considerada sobre o desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos de vida. Com isso, a criança com problemas de aprendizagem que antes era considerada “anormal” passa a ser designada “criança problema”, assim problemas presentes nos alunos começam a serem catalogados a partir de causas físicas, intelectuais, distúrbios emocionais e de personalidade.

Nas décadas de 1960 e 1980 o aspecto social e sua relação com o fracasso escolar começam a ser o foco nas pesquisas, no qual as “patologizações” consideradas como gênese das dificuldades escolares começam a ser questionadas, e o papel da escola e o efetivo preparo da clientela que a frequenta passam a ser o ponto central a ser pesquisado e estudado. (MASINI, 1993)

Para Patto (1993) apesar de todo avanço nas pesquisas sobre a situação da escola e do ensino, ainda é forte a tendência em atribuir ao aluno a culpa pelo fracasso escolar

No início explicava-se o fracasso através dos aspectos orgânicos da aprendizagem, mais tarde consideraram-se os aspectos emocionais e sociais. As investigações recentes apresentam os aspectos intra-escolares e os mecanismos subjacentes ao processo de aprendizagem como mais um aspecto de fracasso escolar. A complexidade do tema acaba por privilegiar ora um aspecto ora outro, o que provoca por vezes a questão de forma reducionista.

Mesmo quando o discurso oficial atribuía a responsabilidade pelo fracasso do aluno a problemas metodológicos, ou a fatores inerentes ao sistema de ensino, ele era contraditório ou fragmentado, pois apresentava uma concepção filosófica liberal, uma compreensão sociológica funcionalista e uma visão pedagógica escolanovista, ao focalizar o processo pedagógico, que é dialético, o faz de forma dicotômica: pois culpabiliza a escola através dos métodos de ensino, a formação e a prática docente e o próprio aluno, sua família, sua condição social, econômica ou cultural pelo fracasso. (PATTO,1988)

(...) as dificuldades do aluno sejam elas de aprendizagem das matérias escolares, de motivação para aprender, de ajustamento aos padrões e normas de conduta vigentes na escola ou de comparecimento à escola, encontrarão sua explicação mais adequada quando suas deficiências ou suas características específicas (não necessariamente deficientes) são colocadas na trama de inter-relações de suas condições familiares, de características profissionais do professor, de aspectos estruturais e dinâmicos da escola e todos estes aspectos, por sua vez, inseridos num contexto social mais amplo que os engloba e determina. (GATTI ET alii, 1981, p.4)

Colares e Moisés (1996) complementam as pesquisas de Patto, pois atualizam o quadro das crenças sobre o fracasso escolar, mostrando que as explicações atuais continuam fundadas em crenças há tempos difundidas. Elas objetivam chamar a atenção para o fato de que o fracasso escolar é inúmeras vezes pensado de forma preconceituosa dentro do próprio sistema escolar, principalmente por professores, diretores e outros envolvidos na vida escolar

As autoras mostram a necessidade de se compreender a origem e a disseminação das diferentes idéias sobre o fracasso escolar que acabam virando consenso no pensamento educacional, e nesse consenso culpabiliza-se o aluno, a família e o professor.

Neste sentido elas sintetizam:

A explicação para o fracasso escolar recai sobre o aluno e os seus pais: Crianças não aprendem porque são pobres, porque são negras, porque são nordestinas, ou provenientes de zona rural; são imaturas, são preguiçosas; não aprendem porque seus pais são analfabetos, são alcoólatras, as mães trabalham fora, não ensinam aos filhos... Pelo discurso dos professores e diretores, a sensação é de que estamos diante de um sistema educacional perfeito, desde que as crianças vivam uma vida artificial, sem nenhum tipo de problemas, enfim, crianças que provavelmente não precisariam da escola para aprender. Para a criança concreta, que vive neste mundo real, os professores parecem considerar muito difícil, se não impossível, ensinar (COLLARES & MOYSÉS, 1996, p. 26).

O fracasso escolar também é relacionado como sendo o fruto de uma sociedade cujos valores sociais são determinados pelo dinheiro e pelo sucesso social e afirma que o fracasso pode ser uma forma de o sujeito expressar seu mal-estar diante de uma exigência social (CORDIÉ, 1996, p.17).

Muitos estudos demonstraram que o fracassado não existe; ele é uma invenção que justifica a vontade de nivelar as pessoas e também negar as diferenças. Na verdade, há um sujeito que não é atendido em seu processo escolar, que por vezes já foi previamente rotulado como um fracassado, indisciplinado ou anormal.

Segundo a visão de Foucault (2002), o anormal, o deficiente, o que fracassa na escola, o indisciplinado é uma produção de organizações de saber-poder legitimadas por um discurso aparentemente “neutro” resultante da discursividade das teorias científicas. Para ele não há um poder tido como maior e que seja propriedade do Estado ou de poucos para ser obedecido pela minoria oprimida, há sim redes de poder que por intersecção constituem as relações cotidianas e discursos próprios de diferentes épocas e grupos sociais. “O poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe algo que se guarde ou deixe escapar, o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”. (FOUCAULT, 2003, p.89)

Atribuir causas ao fracasso é uma tendência do ser humano, há sempre uma preocupação em compreender o ambiente em que vive buscando explicá-los. O que acabou dando origem a

teoria da atribuição da causalidade que foi pesquisada inicialmente por Heider (1944). Este averiguou que a busca de elos entre eventos causais e seus efeitos é inerente ao ser humano, e que a captação mais apurada destes elos, possibilita previsão, controle e modificação de comportamentos futuros. Outros pesquisadores que deram sequência a esta teoria foram Kelley (1971) e Weiner (1985).

A teoria da Atribuição da Causalidade considera o ser humano como um cientista que busca compreender os eventos que ocorrem no mundo a sua volta. O contexto em que o desempenho é considerado importante, como o escolar, a busca desta compreensão recai sobre as causas que determinamos eventuais resultados de sucesso ou fracasso.

No Brasil as investigações baseadas nesta teoria sobre as atribuições de causalidade para sucesso e fracasso escolar de crianças ainda é parca e controvertida pois grande parte das pesquisas foram realizadas com adultos e alunos universitários. Contudo percebe-se um crescimento nos estudos sobre o entendimento que os professores, pais e alunos têm de suas experiências de fracasso e sucesso escolar (TALIULI, 1982; NUNES, 1990; NEVES & ALMEIDA, 1996).

É necessário salientar que o processo educacional, a formação das Atribuições de Causalidade e o estabelecimento das Orientações Motivacionais dos alunos, ocorrem em situações específicas com sujeitos, objetivos e características que lhe são próprias. E todos esses elementos se inter-relacionam e exercem influência uns sobre os outros.

Os alunos são motivados a alcançarem objetivos particulares, sejam intrínsecos ou extrínsecos, mas a maneira como o professor conduz esse processo influencia a motivação e os objetivos dos alunos. Salas de aula que priorizam notas e desempenho estimulam o aluno a adotar objetivos mais voltados para o desempenho e a ter motivação mais extrínseca, ao passo que nas classes em que se valoriza o esforço e a melhora individual, a motivação intrínseca é mais adotada. Se a orientação motivacional dos alunos é incompatível com a do professor o resultado da aprendizagem não atinge o nível desejável, ou seja, a orientação motivacional seja ela intrínseca ou extrínseca, deveria ser comum tanto para o aluno como para o professor para que o nível de desempenho se eleve. Assim, um aluno que não se esforça em uma atividade não é necessariamente desmotivado ou incapaz, o que acontece são posturas motivacionais opostas. Por isso, além das expectativas e anseios dos alunos, um aspecto que merece ser levado em conta no processo educacional são as perspectivas e as interpretações que os professores têm e fazem em relação aos seus alunos.

Professores que almejam melhorar a motivação de seus estudantes precisam ter uma compreensão clara das causas específicas que subjazem os problemas motivacionais de seus alunos, a fim de auxiliá-los na superação dos mesmos. Para tanto deve promover crenças positivas

e contextos de aprendizagem, que levem o aluno de uma orientação motivacional mais extrínseca, para uma mais intrínseca.

Vale esclarecer que o aluno motivado intrinsecamente permanece em uma atividade pelo próprio prazer, satisfação e interesse que a atividade lhe desperta. E o que é extrinsecamente motivado se envolve na realização de uma tarefa com o objetivo de obter recompensas externas ou demonstrar resposta positiva às outras pessoas.

No que se referem às conseqüências, as atribuições de causalidade afetam as expectativas, a motivação e as emoções dos alunos, como a auto-estima, o orgulho e as emoções sociais, em resumo as crenças individuais sobre as causas responsáveis pelos sucessos e fracassos acadêmicos, interpretadas nas dimensões da causalidade, desempenham um papel central na expectativa, nas emoções e na motivação para aprendizagem e conseqüentemente no desempenho do aluno.

Outro aspecto do fracasso escolar que não deve ser esquecido é que não deve ser visto como uma simples falta de condição do aluno, e sim responsabilidade de toda a sociedade, e a escola não pode incluir-se como mais uma instituição que acaba contribuindo para a exclusão social, pois embora existam pesquisas na área educacional objetivando uma prática pedagógica menos excludente, ela ainda age de forma seletiva e classificatória. E a reprovação não deve ser o único meio de medir o fracasso escolar, há que se analisar o desenvolvimento do aluno, ver a aprendizagem como a capacidade de se tornar um cidadão capaz de se adaptar às realidades diversas. A escola falha quando não consegue transmitir ao seu aluno o que é importante dominar. Há ainda uma grande indefinição entre os elementos que compõem esse domínio, há quem defenda a importância do domínio dos conteúdos, outro valoriza a socialização, autonomia, limites, superações afetivas, essas contradições geram deficiências pedagógicas.

O fracasso escolar não é resultado de uma realidade social, ele é sim resultado de diferentes realidades sociais que devem ser observadas e trabalhadas pela escola.

A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo, sobre a “crise”, sobre os modos de vida e os trabalhos na sociedade de amanhã, sobre as formas de cidadania (CHARLET, 2000, p. 14).

Esses debates levariam a desmistificar a visão que o fracasso escolar é resultado de problema de aprendizagem, e a discutir o tema como problema social e politicamente produzido, sem ignorar os fatores relativos à instituição escolar, pois a mesma promove por vezes a seletividade social dentro de sua estrutura. A política de ampliação de vagas não se mostrou uma intervenção segura, no sentido de competência para ensinar os que dependem da escola para aquisição de conhecimentos e habilidades socialmente valorizadas.

O entrave no gerenciamento do fracasso escolar ilustra esse caráter seletivo que as escolas têm assumido ao longo de sua história por conta dos fatores pedagógicos, sociais, psicológicos e econômicos que perpassam pela ação educacional.

Metodologia

Dentro da proposta de trabalho inicial, a pesquisa foi implementada no Colégio Estadual Barão de Capanema, no município de Prudentópolis, objetivando refletir sobre o fracasso escolar e sua relação com a auto-estima do aluno, buscando identificar e analisar o comportamento dos professores, pais e alunos diante do fracasso escolar, reconhecer os fatores que influenciam o fracasso escolar

Para a realização da investigação proposta, optou-se por utilizar uma metodologia qualitativa de cunho investigativo.

O objetivo da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno (RICHARDSON, 1999, p. 102).

A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa por considerar que ela permite uma aproximação entre o objeto de estudo e a compreensão dos aspectos singulares e específicos de certa realidade, no contexto em que eles estão inseridos. A abordagem qualitativa admite a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. A finalidade é compreender as experiências no seu todo, na visão dos participantes e aceitar que haja uma interdependência entre o sujeito e o objeto. Assim, se reconhece que não há neutralidade no processo de pesquisa e de conhecimento, não há neutralidade no pesquisador e nem no objeto (MINAYO, 2000).

Considerando que não existem idéias, princípios, categorias e entidades absolutas únicas “[...] Tudo o que existe na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história” (LOWY, 1988, p. 14). A realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo, portanto, uma única que seja mais verdadeira. Essa questão vai depender essencialmente da abordagem e do enfoque do pesquisador.

A coleta de dados se deu por meio de análise documental – aplicação de questionário –, pois num estudo de fenômeno sócio-educacional não há uma única abordagem e nem instrumentos de pesquisa privilegiados, nem uma só possibilidade de técnica e, sim, técnicas complementares, que possibilitam apreender a multiplicidade de pontos de vista acerca do tema objeto de investigação.

O uso de questionário “[...] cumpre pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social” (RICHARDSON, 1999, p. 189). Esse instrumento continha questões abertas e semi-abertas, nas quais os pesquisados podiam expressar seus pontos de vista a respeito das questões abordadas. Os questionários foram aplicados aos alunos repetentes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, aos professores do ensino fundamental e aos pais dos referidos alunos do Colégio Estadual Barão de Capanema, no município de Prudentópolis - PR. A escolha dos membros a serem pesquisados foi intencional e criteriosa, uma vez que a seleção do universo pesquisado não pode ser aleatória e, sim, uma seleção de pessoas com características e experiências específicas sobre o tema (ZANELLI, 1992).

A adoção do questionário como instrumento de pesquisa possibilitou a qualidade das informações para investigar de maneira ampla e profunda a qualidade dos programas implementados, bem como sua legitimidade.

Não se pode esquecer também que o mundo é uma realidade dinâmica e dialética e que as mudanças ocorrem em função das contradições surgidas entre homens reais, em condições históricas e sociais reais.

Os professores responderam questões sobre a sua visão quanto às causas do fracasso escolar; a importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos; sobre a responsabilidade do comportamento dos alunos em sala de aula; sua atuação na redução dos índices de reprovação e evasão escolar; qual a sua visão do papel da escola nos dias atuais e sugestões para a melhoria da educação e como enquanto profissional vê a relação da auto-estima do aluno com o fracasso escolar.

Os alunos responderam sobre as disciplinas que mais gostam e menos gostam e os motivos por essas preferências e se a pessoa do professor influencia nesta escolha; quais dificuldades ou problemas enfrentaram quando reprovou e se esses foram superados; qual sua opinião sobre a escola; como classifica os professores; forneceram dados sobre sua auto-estima no que se refere à sua reprovação, como se vê diante dos erros, se possui criatividade, medos, problemas, liderança, timidez, se vê como alguém inteligente ou não, se considera admirado ou desprezado pelos professores.

Aos pais foi perguntado sobre seus dados familiares, sócio-econômicos e questões sobre o desempenho escolar do filho, qual sua parcela de responsabilidade sobre o sucesso ou fracasso escolar do mesmo; o nível de participação nas atividades escolares de seu filho; qual o grau de satisfação em relação à escola, no que se refere a pontos positivos e negativos, como avalia os diversos segmentos da mesma, ou seja, seus professores, funcionários, direção e equipe pedagógica; quais suas expectativas em relação à escola e quais representações possuem sobre a boa escola, o bom aluno e o bom professor.

De posse dos resultados e tabulados os mesmos permitiram delinear a visão que os elementos envolvidos na investigação possuem sobre a relação do fracasso escolar e a auto-estima do aluno e sua participação e responsabilidade neste processo.

Resultados e Análise

Participaram da pesquisa 8 professores de todas as disciplinas de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, 10 alunos repetentes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e os pais desses alunos.

Os professores ao serem perguntados sobre as possíveis causas do fracasso escolar, 80% considerou como principal a falta de esforço do aluno, seguida das características familiares do aluno e por último a falta de ajuda do professor.

Sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos os professores acham importantes, pois “é deles a responsabilidade de educar, por isso devem estar atentos aos que seu filho faz na escola, suas dificuldades, sua participação em eventos escolares, suas atitudes”, outros observam que o rendimento do aluno melhora e sente-se seguro para melhorar quando necessário.

Sobre como os pais podem ajudar os professores afirmam que exigir responsabilidade, exigir o cumprimento das atividades, criarem horário de estudos em casa e valorizando atitudes de estudos dos filhos os ajuda a ter sucesso na escola.

No que se referem ao comportamento dos alunos na escola os professores são unânimes em afirmar que os pais são os responsáveis, pois cabe a eles educar e colocar limites nos filhos.

Enquanto profissional o que se tem feito para a redução da reprovação e evasão escolar foi respondido que se procura avaliar o aluno no todo, fazer recuperação paralela,

incentivar o aluno a estudar e melhorar sempre. Para eles a escola perdeu muito em seu caráter educacional, e por vezes é paternalista nos aspectos que envolvem a aprendizagem dos alunos, para outro a escola é “muito liberada”, devia ter mais cobranças e deveres para os alunos. Um professor desabafou dizendo que a escola está “falida, acontecem muitos absurdos na escola, tem muitos alunos querendo aprender e professores não dispostos a ensinar e alguns professores querendo ensinar e alunos que não querem aprender, quase ninguém leva a escola a sério”.

Suas sugestões para a melhoria da escola como um todo foram: impor limites aos alunos, ter mais rigor no compromisso enquanto profissional, mudança no sistema educacional que só se preocupa com relatórios e percentuais de evasão e repetência sem pensar em como esses alunos concluem seus cursos, pois “muitos alunos estão terminando o ensino médio sem saber ler e escrever corretamente e sem realizar cálculos”.

Quando perguntado se a auto-estima do aluno é afetada pelo fracasso escolar todos são unânimes em afirmar que sim, os alunos são afetados de forma negativa quando reprovam.

Aos pais de alunos quando perguntado sobre o desempenho do filho na escola e a que se atribuía este fato, a 80% respondeu que a desobediência e a falta de atenção foram os fatores que levaram seus filhos reprovarem no ano anterior e alguns assumem a responsabilidade sobre tal resultado.

A maioria dos pais entrevistados considera que tem participação ativa na vida escolar dos filhos e participam das atividades escolares pelas reuniões com a direção e professores, bem como comparece à escola quando chamado pela equipe pedagógica ou para resolver questões de secretaria.

Os assuntos mais tratados quando os pais vão à escola são pedagógicos e disciplinares e todos são unânimes em afirmar que deveriam comparecer mais vezes na escola, pois acham que o desempenho escolar do filho melhora.

Sobre o grau de satisfação em relação à escola todos se consideram satisfeitos e consideram como ponto positivo da mesma a presença de bons professores, a limpeza e o bom atendimento aos pais.

Todos os pais pesquisados consideram a escola importante na vida de seu filho, pois a mesma irá prepará-los para a vida e na busca de emprego futuro. Para eles uma boa escola é aquela que “educa e ensina o aluno a aprender mais”, o bom aluno é aquele que “presta atenção, sabe respeitar seus professores e funcionários” e o bom professor é

aquele que “sabe compreender o aluno nas dificuldades que ele tem”, “aquele que se dedica e ensina seus alunos”.

Aos alunos quando perguntados sobre quais disciplinas preferidas observou-se que as mais votadas foram Educação Física e Matemática e as menos preferidas foram Ciências e Português.

Todos consideram que o professor influencia o interesse do aluno sobre a matéria devido às boas explicações e a tentativa de mostrar o lado bom da disciplina, bem como quando consegue fazer o aluno aprender.

A principal dificuldade ou problema que enfrentou no ano em que reprovou foi a dificuldade em aprender os conteúdos e problemas de relacionamento com o professor.

Todos consideram a escola em que estudam de boa qualidade, com ótimos professores que procuram estimular seus alunos a estudarem e aprender.

Considerações Finais

O fracasso escolar é uma realidade com a qual se depara há muito tempo, no entanto ainda muito pouco se conseguiu fazer para resolução ou erradicação do mesmo no sistema educacional. Necessita-se de uma ampla discussão sobre suas causas bem como a tomada de consciência dos diversos segmentos da escola. Vale lembrar que as causas do não aprender são inúmeras, identificá-las e dar-lhes o devido tratamento seria o início da busca de soluções para o problema.

Por vezes o estigma do fracasso escolar é tão profundo que o sujeito se transforma de vítima em culpado e o efeito da reprovação acaba por acompanhá-lo em todos os momentos de sua vida.

As práticas educativas são influenciadas pelo ambiente em que ocorre e essa influência positiva ou negativa interfere nos seus resultados, nisto inclui a relação professor-aluno, a avaliação, a qualificação dos professores, a participação dos pais na vida escolar do filho.

O diálogo entre professor e aluno é uma condição essencial para que se obtenham bons resultados na aprendizagem, no sentido de predispor os alunos ao que se quer ensinar, proporcionando assim uma aprendizagem mais rápida e eficaz.

Já a participação da família no processo educativo seria o de ordenar a conduta do aluno na escola, visto que os pais devem moralizar a criança desde a mais tenra idade e

o objeto de trabalho do professor é a transmissão do conhecimento sistematizado, ordenar o pensamento do aluno pela reapropriação do legado cultural.

O educador deve rever seus conceitos, se reciclar, buscar métodos eficazes para melhorar o processo ensino-aprendizagem, permitir uma relação de reciprocidade entre ele e o aluno, resgatar sua autoridade, valorizar o conhecimento do aluno, despertar sua auto-estima, avaliar de forma qualitativa, revelando aquilo que o aluno de fato aprendeu.

A relação professor aluno ainda é um ponto nevrálgico em especial para os alunos, pois os mesmos consideram esse ser o principal fator que acaba prejudicando o processo ensino-aprendizagem e por consequência promove o fracasso escolar.

O aluno quando reprovado é rotulado como incapaz e isto acaba afetando bastante sua auto-estima de forma negativa, em geral a repetência é considerada um meio negativo e prejudicial.

Percebeu-se que os preconceitos e estereótipos são resultados das práticas e processos que constituem de decisões referentes ao sistema educacional, a relação professor aluno e às concepções dos pais sobre si mesmos e sobre seus filhos no que diz respeito à vida escolar.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Z. O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência do ensino de 1º grau no Brasil (1971-1981). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: v.64, n. 147, maio/ago. 1983.
- CHARLET, B. **Da relação com o saber, elementos para uma teoria**. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- COLLARES, C. & MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, Unicamp, 1996.
- CORDIÉ, A. **Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Tradução de Sônia Flach e Marta D'Agord. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- GATTI, B. A. ET alii. A reprovação na 1ª série do primeiro grau: um estudo de caso. **Cadernos de Pesquisa**, 38: 3-13. 1981.
- HEIDER, F. Social perception and phenomenal causality. **Psychological Review**, 51, 358-374, 1944.

- KELLEY, H. **Attribution in social interaction**. New York, General Learning Press, 1971. RICHARDSON, R.J. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- LEITE, S. A. S. O fracasso escolar no ensino de primeiro grau. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: v. 69, n. 163, p. 510-40, set/dez. 1988.
- LOWY, M. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1988.
- MASINI, E. S. (org.) **Psicopedagogia na escola: buscando condições para a aprendizagem significativa**. São Paulo: Unimarco, 1993.
- MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. , Hucitec-ABRASCO, São Paulo: 2000.
- NEVES, M. B. J. & ALMEIDA, S. F. C. O fracasso escolar na 5ª série, na perspectiva de alunos repentes, seus pais e professores. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 12, 147-156, 1996.
- NUNES, A. N. de A. Fracasso escolar e desamparo adquirido. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 6(2), 139-154, 1990.
- PATTO, M. H. S. O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: n. 65, p. 72-77, maio. 1988.
- _____. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.
- TALIULI, N. **Atribuição de causalidade em tarefas acadêmicas por alunos de nível sócio econômico baixo e desempenho diferente**. Dissertação de mestrado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1982.
- WEINER, B. Na attributional theory of achievement motivation na emotion. **Psychological Review**, 92 (4), 548-573, 1985.
- ZANELLI, J.C. **Formação profissional e atividades de trabalho: a análise das necessidades identificadas por psicólogos organizacionais**. Campinas: 1992. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas.